

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SOBRE A NIDIFICAÇÃO DE *POLIOCEPHALUS*
DOMINICUS SPECIOSUS (ARRIBALZAGA).

por
OLIVERIO PINTO

A 22 de maio, no interesse principalmente de observar e coligir um exemplar de urutáu, provavelmente *Nyctibus griseus*, empreendi, com PINTO DA FONSECA e o Sr. LEONARDO DE LIMA, pequena excursão ao sítio do Sr. GEORGE MEISSNER, em Botujurú, nome que não deve ser estranho aos estudiosos da ornitologia brasílica, através do itinerário de J. NATTERER, que por ali passou e coligiu espécimes. Segundo G. MEISSNER, a ave seria quasi certamente encontrada no seu posto costumeiro, conforme a vira antes repetidas vezes, hirta e imóvel na ponta de um galho, de que a custo era possível distingui-la. Para nossa grande decepção, porém, a ave, protegida por bons fados, êsse dia lá não estava. Pude apenas ver o ponto onde morava a cêrca de 30 metros dos fundos da casa e na orla da mata que veste a costa da Serra. Soube depois que a ave nunca mais fôra vista no lugar, afugentada justamente pelo corte de algumas árvores vizinha à que lhe servia de poleiro.

Malgrada por êsse lado a visita ao referido sítio, proporcionou-me entretanto ensêjo para observar como viviam também ali, num pequeno tanque artificial de menos de cem metros de perímetro, vários casais de mergulhões pequenos (*Poliocephalus dominicus speciosus* Arribalz.), de que dois

exemplares foram caçados por LIMA, para as coleções do Museu. Não há mais de dois anos que se formou esta lagoa, represando a pequena água nascida ali mesmo no sopé da serra, a uns cem metros de distância. Prazo tão curto não impediu, porém, que nela em abundância se desenvolvessem plantas aquáticas de várias espécies, entre as quais predominam um golfo (*Nymphaea* sp.) e uma ciperácea que me foi obsequiosamente determinada pelo Dr. FRED. HOENE, diretor do Departamento de Botânica do Estado, como *Heleocharis tenuissima*, tudo concorrendo para realizar ótimo *habitat* para os mergulhões, seus inquilinos sedentários.

A princípio foi muito fácil nos aproximarmos dos mergulhões que nadavam junto às margens, sem que se escondessem sob a tona, como de costume, fazendo crer que, nascidos no lugar, sempre se sentiram em perfeita tranquilidade e segurança. Depois de alguns tiros tornaram-se porém ariscos, acabando por mergulhar e desaparecer, provavelmente ocultos pelas ciperáceas e gramíneas espessas das margens.

Alegrou-me sobretudo ter conhecido o ninho da espécie, que WIED muito acertadamente informou ser livre e flutuante. Trabalhadores que nos ajudaram, com longas varas, a retirar da água as aves mortas mostraram-me como tal certa massa de vegetação aquática que proeminava levemente sobre a superfície, à semelhança de um montículo deprimido. Retirado da água verifiquei tratar-se efetivamente de um ninho de mergulhão contendo três ovos do tamanho aproximado dos da codorna, de côr branco-amarelada suja e manchados de pintas irregulares pardo-escuras, sob a forma de nódoas, salpicos e filamentos irregulares. A ausência completa de transparência denotava incubação avançada, o que ficou provado por se ter acidentalmente partido um dos ovos, caindo das mãos quando era examinado. Perdeu-se assim um dos filhotes, que já se mostrava com abundante revestimento de penas novas e aparentemente prestes a vir ao mundo.

O ninho é uma volumosa massa de filamentos verdes, dos da ciperácea que enche a água do tanque, aglomerados de modo a formar uma esfera deprimida, que flutua na água, deixando emergir apenas restrita parte de seu volume. Embebida de água a massa tôda do ninho era bastante pesada para exigir esforço considerável por parte do homem que a sustinha. Os ovos não se achavam expostos diretamente à vista, sendo, pelo contrário, recobertos por uma camada de herva bastante espessa para ocultá-los. Fiz repor o ninho onde fôra encontrado próximo à margem, em ponto distante do caminho trilhando pelos transeuntes.

Até o momento de voltarmos, passadas já umas duas horas após a caçada, nenhum mergulhão conseguimos ver mais, embora mais de um casal houvesse sobrevido à funesta visita.

A senhora MEISSNER, de quem colhi os dados referentes à história da colônia de mergulhões, referiu-me também o caráter briguento e a grande valentia das aves, que se puseram em enorme alvoroço quando desceu ao tanque um bando de pequenas marrecas migrantes. O fato se explica pelo destemor e bravura com que tôdas as aves defendem do acesso de estranhos o lugar em que se abriga sua prole. Fui informado ainda que os filhotes, uma vez nascidos, durante algum tempo se mantêm empoleirados sôbre o dorso dos pais; não pude todavia averiguar se ambos os sexos participam igualmente da incubação dos ovos e proteção aos filhotes.

Passada algumas semanas tive ainda a notícia tranquilizadora de que os mergulhões sobreviventes haviam voltado a frequentar o lago como dantes, acompanhados dos dois filhotes criados no ninho acima descrito.

